

ELUANA

“PRECISARÍAMOS DE UM CARINHO DO NAZARENO”

“A existência é um espaço que nos deram de presente, e que temos de encher de sentido, sempre e de qualquer forma” (*Enzo Jannacci, Corriere della Sera*, 6 de fevereiro de 2009).

Mas uma vida como a de Eluana pode ser cheia de sentido? Uma vida assim ainda tem significado?

A morte de Eluana não fechou as portas a essas perguntas. Muito pelo contrário. Não foi o fim de tudo, como o malogro das esperanças para quem ainda a queria viva, ou uma libertação, para quem já não achava suportável essa situação. É agora, justamente, que o desafio se torna mais radical para todos.

A morte de Eluana insta como um agulhão: de que modo cada um de nós contribuiu para encher a vida dela de sentido, como colaborou com as pessoas mais diretamente atingidas por sua doença, a começar por seu pai?

Quando a realidade nos encurrala, nosso padrão de medida não é capaz de fornecer o sentido de que precisamos para seguir em frente. Sobretudo diante de circunstâncias dolorosas e injustas, que não parecem estar destinadas a mudar ou a se resolver, somos levados a nos perguntar: que sentido tem tudo isso? Será que a vida é um engano?

Cresce o sentimento de vazio, se continuamos a ser prisioneiros de nossa razão reduzida a medida, incapaz de suportar o choque da contradição. Nós nos vemos desorientados e sozinhos, com a nossa impotência, suspeitando de que no fundo tudo é nada.

Podemos “encher uma vida de sentido”, quando nos encontramos diante de uma pessoa como Eluana? Podemos suportar o sofrimento, quando supera nossa medida? Sozinhos, não conseguimos. É preciso que nos deparemos com a presença de alguém que experimente como algo cheio de sentido essa vida que nós mesmos vivemos como um vazio devastador.

Nem Cristo foi poupado da angústia diante da dor e do mal, até a morte. Mas o que fez a diferença n’Ele? Ter sido uma pessoa mais valente? Ter tido mais força moral do que nós? Não, tanto é que no momento mais terrível de provação pediu que a cruz lhe fosse poupada. Em Cristo, foi derrotada a suspeita de que a vida, em última instância, seria um fracasso: Seu vínculo com o Pai venceu.

Bento XVI lembrou-nos que para esperar “o ser humano necessita do amor incondicionado. Precisa daquela certeza que o faz exclamar: ‘Nem a morte, nem a vida [...] poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus’ (*Rm 8,38-39*). Se existe esse amor absoluto com sua certeza absoluta, então – e somente então – o homem está ‘redimido’, independentemente do que lhe possa acontecer naquela circunstância” (*Spe salvi*, 26).

A presença de Cristo é o único fato que pode dar sentido à dor e à injustiça. Reconhecer a positividade que vence qualquer solidão e qualquer violência só é possível graças ao encontro com pessoas que testemunham que a vida vale mais que a doença e a morte. As freiras que cuidaram de Eluana durante tantos anos foram essas pessoas para ela, pois, como disse Jannacci, hoje também “precisaríamos de um carinho do Nazareno, precisaríamos muito de um carinho seu”, desse homem que disse há dois mil anos, dirigindo-se à viúva de Naim: “Mulher, não chores!”